

A caridade no modo de falar

Este editorial faz eco ao convite do Papa Francisco para não falar o "idioma da hipocrisia".

17/06/2015

Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos livrará (Jo 8, 31-32). Num extenso diálogo com os judeus, surge esta promessa do Senhor que, em sua simplicidade e solenidade, atravessa os séculos: a verdade nos faz livres. Contudo, também atravessam os

séculos as falsas promessas daquele que *era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.* (Jo 8, 44).

“A razão mais sublime da dignidade do homem — ensina o Concílio Vaticano II — consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus” (*Gaudium et Spes*, 19). Por isso se pode dizer que a palavra — a *necessidade* de viver em diálogo, em comunhão — é o mais característico da pessoa. Pela palavra a própria pessoa se comunica: quando falamos, não só emitimos uma mensagem, mas de certo modo nos damos a nós próprios. E não chegamos só ao ouvido dos outros, mas ao seu coração, ao centro de seu ser. Por isso, a palavra tem uma dimensão de

certa maneira *sagrada*. Seu uso correto beneficia, edifica as pessoas, enquanto as palavras descuidadas maltratam aos outros. Aleksandr Solzhenitsyn percebeu isso intensamente: as mentiras, sustentava, não são palavras que dizemos e que flutuam no ar, afastadas de nós, mas cada mentira nos corrompe por dentro, até consumir nossas entranhas.

O tom dos primeiros cristãos

Na sua pregação, o Senhor convida a todos à transparência; a ser simples, a evitar casuísticas que com frequência escondem, ou ao menos começam a mentira: *Dizei somente: Sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno.* (Mt 5, 37). Duríssimo contra a hipocrisia, o Senhor elogiava com gosto àqueles nos quais não há duplicidade nem engano (cf. Jo 1, 47). O seu é um tom, um modo de fazer,

que penetrou profundamente na alma dos primeiros cristãos. A epístola de São Tiago expressa-se com acentos similares: *Que vosso sim, seja sim; que vosso não, seja não. Assim não caireis ao golpe do julgamento* (Tg 5, 12). São Pedro fala-lhes: *deponde, pois, toda malícia, toda astúcia, fingimentos, invejas e toda espécie de maledicência* para poder aproximar-se de Deus, para saborear, *como crianças recém-nascidas desejai com ardor o leite espiritual que vos fará crescer para a salvação* (1 Pe 2, 1-2).

Essa inocência cristã na palavra, no entanto, não se consegue com uma simples intenção genérica, *boazinha*: a tensão entre verdade e mentira está presente em todo o arco da nossa vida. A Escritura não se limita a enunciar os princípios, mas assinala com detalhe os abusos da palavra, a desconexão entre o que se é e o que se diz. Neste sentido, torna-

se inesquecível, e de perene
atualidade, a admoestação de São
Tiago sobre a língua:

*Se alguém não cair por palavra, este é
um homem perfeito, capaz de refrear
todo o seu corpo. Quando pomos o
freio na boca dos cavalos, para que
nos obedeçam, governamos também
todo o seu corpo. Vede também os
navios: por grandes que sejam e
embora agitados por ventos
impetuosos, são governados com um
pequeno leme à vontade do piloto.
Assim também a língua é um pequeno
membro, mas pode gloriar-se de
grandes coisas. Considerai como uma
pequena chama pode incendiar uma
grande floresta! Também a língua é
um fogo, um mundo de iniquidade. A
língua está entre os nossos membros e
contamina todo o corpo; e sendo
inflamada pelo inferno, incendeia o
curso da nossa vida. Todas as espécies
de feras selvagens, de aves, de répteis
e de peixes do mar se domam e têm*

sido domadas pela espécie humana. A língua, porém, nenhum homem a pode domar. (Tg 3, 2-8).

Esta mesma solicitude por domar a língua está muito presente nos ensinamentos do Papa Francisco. Com a mesma insistência do Apóstolo, não perde ocasião de pedir aos cristãos que nos esforcemos para pôr freio à palavra que destrói. O Papa sabe que sua chamada à renovação da vida dos cristãos e da Igreja ficaria desvirtuada se não atingisse esse pequeno timão que decide o curso do navio.

Todos agradecemos a franqueza com que o Sucessor de Pedro fala, embora exista o risco de que pensemos rápido demais que fala para os outros, e viramos a página sem nos perguntar em que medida os nossos hábitos atuais ou comportamentos socialmente aceitos nesta matéria estão à altura do Evangelho. O

Catecismo da Igreja Católica (cf. nº 2464 ss.) e o Magistério do Papa Francisco proporcionam muitas pistas para a reflexão.

A mentira, idioma da hipocrisia

Com que delicadeza nos esforçamos para amar e dizer a verdade sempre, evitar completamente a mentira?

Porque não podemos esquecer a gravidade da mentira, que “é uma autêntica violência feita a outrem.

Este é atingido na sua capacidade de conhecer, a qual é condição de todo o juízo e de toda a decisão. A mentira contém em gérmen a divisão dos espíritos e todos os males que a mesma suscita. É funesta para toda a sociedade: destrói pela base a confiança entre os homens e retalha o tecido das relações sociais.” (*Catecismo*, n. 2486).

O Papa tem falado com energia do **idioma da hipocrisia**, próprio dos que **não amam a verdade, mas**

somente a si mesmos e assim, tentam enganar, envolver os outros na mentira. Têm o coração mentiroso, não podem dizer a verdade (*Homilia*, 4.VI.2013). Como São Pedro, apela à inocência das crianças, ao *leite espiritual que vos fará crescer para a salvação* (1 P 2, 2): **as crianças não são hipócritas, porque não são corruptas.** Quando Jesus fala a seus discípulos, diz que seu modo de falar deve ser ‘sim, sim’ ou ‘não, não’, com alma de criança, nos diz o contrário daquilo que dizem os corruptos (...). Hoje, peçamos ao Senhor que o nosso modo de falar seja simples, como o de filhos de Deus, que falam com a verdade do amor.

(*Homilia*, 4-6-2013).

A murmuração: aprender a morder a língua

No sermão da montanha, Jesus leva até a raiz o quinto mandamento do

decálogo: *Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás, mas quem matar será castigado pelo juízo do tribunal. Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes (...); aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da geena (Mt 5, 21-22).* As palavras do Senhor são duras, mas quem **entra na vida cristã, aquele que aceita seguir este caminho, tem exigências superiores às de todos os outros.** Não tem **vantagens superiores, não!** Tem **exigências superiores** (*Homilia, 13-6-2013*). A murmuração e o insulto não se reduzem a uma travessura inocente: matam o irmão. São Josemaria escreve: *Sabes o mal que podes ocasionar jogando para longe uma pedra com os olhos vendados? - Também não sabes o prejuízo que podes causar, às vezes grave, quando lanças frases de murmuração, que te parecem levíssimas por teres os olhos*

vendados pela inconsciência ou pela exaltação (Caminho, 455). Por isso, continua o Papa, quando no coração há algo negativo contra alguém, e se expressa com um insulto, com uma maldição, ou com cólera, há algo que não funciona e deves converter-te, deves mudar (Homilia, 13-6-2013).

A quem pensa que, de qualquer modo, é justificável falar mal de alguém porque “merece”, o Papa faz esta recomendação: **reze por essa pessoa! Faça penitência por ela!** E depois, se necessário, fale com alguém que possa remediar o problema. Sem espalhar a notícia! Paulo foi um grande pecador, e disse de si mesmo: ‘Antes eu blasfemava, perseguia e era violento. Mas tiveram misericórdia’. Talvez nenhum de nós blasfeme – talvez. Mas se alguém faz intriga, certamente é

um perseguidor e um violento
(*Homilia, 13-9-2013*).

É preciso considerar, além disso, o efeito devastador que esta conduta tem na vida familiar, social e eclesial; trata-se de uma chuva fina que parece inocente, porém corrói tudo: **Hoje, cada um deve interrogar-se: faço crescer a unidade na família, na paróquia, na comunidade, ou sou um tagarela, uma tagarela? Sou motivo de divisão, de dificuldade? Mas vós não sabeis o mal que os mexericos fazem à Igreja, às paróquias, às comunidades! Fazem mal! As bisbilhotices ferem! Antes de coscuvilhar, o cristão deve morder a sua língua!** (Audiência, 25-9-2013).

A difamação e a necessidade de reparar

É bom ter presente que não basta que algo seja ou pareça verdade para que se possa divulgar sem mais

considerações. “O direito à comunicação da verdade não é absoluto. Cada um deve conformar a sua vida com o preceito evangélico do amor fraternal, mas este requer, em situações concretas, que avaliemos se convém ou não revelar a verdade a quem a pede” (*Catecismo*, n. 2488).

Muitas vezes o suposto *interesse informativo* (tanto do emissor como do receptor) é na realidade o disfarce de uma curiosidade irresponsável, que com frequência conduz a fofocas ou murmurações, insinuações e afirmações caluniosas sobre pessoas e instituições, que depois se ampliam sem que haja muitas possibilidades de retificá-las.

Por esse motivo, nesses casos a reparação é um dever de consciência. Assim recorda o *Catecismo*: “Qualquer falta cometida contra a justiça e contra a verdade

implica o dever da reparação, mesmo que o seu autor tenha sido perdoado. Quando for impossível reparar publicamente um mal, deve-se fazê-lo em segredo; se aquele que foi lesado não pode ser indenizado diretamente, deve dar-lhe uma satisfação moral, em nome da caridade. Este dever de reparação diz respeito também às faltas cometidas contra a reputação alheia" (n. 2487).

Vale a pena revisar, portanto, nossa atitude diante da leviandade com que se costuma tratar nas conversas e comentários — também entre cristãos — da intimidade e da fama dos outros, talvez alegando como justificativa que nos limitamos a repetir o que as notícias, ou os rumores contam! **Os mexericos** — afirmava o Papa — **ferem, são bofetadas para a fama de uma pessoa, são bofetadas no coração de uma pessoa** (*Homilia*, 12-9-2014).

Podemos pensar também em como reagimos diante da facilidade com que é aceita como normal a crítica às pessoas (da vizinha de cima até o político ou o jogador de futebol que aparece na televisão), verbalmente ou por escrito, de modo azedo ou malévolos, sem compreensão, chegando com grande naturalidade até a difamação e o insulto, sem a menor possibilidade de que a crítica seja construtiva para alguém.

O que buscamos? O que ganham os outros, quando difundimos essas notícias ou rumores, sem saber exatamente o que há de verdadeiro neles? Porque, de fato, até a informação verdadeira que conhecemos sobre os outros deve ser manuseada com prudência e discrição, para não difamar nem escandalizar ou provocar outros danos (cf. *Catecismo*, no. 2477 e 2479). Deixamos a nossa sensibilidade para recusar esses

comportamentos adormecer com muita facilidade. Também para lembrar que talvez estejamos caindo neles igualmente. E se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? (Mt 5, 13). Somos os cristãos que temos a missão, e a graça para realizá-la, para manter no mundo o ar livre e limpo da verdade. ***Hoje, quando o ambiente está cheio de desobediência, de murmuração, de engano, de enredo, temos de amar mais do que nunca a obediência, a sinceridade, a lealdade, a simplicidade: e tudo isto, com sentido sobrenatural, far-nos-á mais humanos. (Forja, n. 530).***

Para alcançar a paz

No encontro com os presidentes de Israel e Palestina para rezar pela paz, o Papa pronunciava uma oração que terminava assim: **Senhor, desarmai a língua e as mãos, renovai os corações e as mentes, para que a**

palavra que nos faz encontrar seja sempre «irmão» (Discurso, 8-6-2014).

A verdade que nos faz livres (cf. *Jo 8, 31-32*) não consiste simplesmente na posse ou na transmissão de enunciados e informações que correspondem à realidade das coisas. Trata-se de algo mais profundo: a verdade que fundamenta a sinceridade e a lealdade com os outros, em todas as suas formas, é que todos os homens somos irmãos, filhos do mesmo Pai.

Jesus Cristo mostrou nos com a sua vida, *veritatem faciens in caritate* (cf. *Ef 4,15*), esta harmonia fundamental entre a verdade e o amor. Por isso, a verdade que liberta, que traz a paz, está nessa manifestação eminente do amor de Deus pelos homens, que é a Cruz redentora: **Como eu queria que, por um momento, todos os homens e mulheres de boa vontade**

olhassem para a Cruz! Na cruz podemos ver a resposta de Deus: ali à violência não se respondeu com violência, à morte não se respondeu com a linguagem da morte. No silêncio da Cruz se cala o fragor das armas e fala a linguagem da reconciliação, do perdão, do diálogo, da paz.

(Homilia, 7-11-2014).

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/a-caridade-no-modo-de-falar/> (29/01/2026)